

Falar de Nietzsche ou uma (não) adesão a um modismo Talking about Nietzsche or a (non-)adhesion to fashion

Attico Chassot
chassot@unisinis.br

MOREY, M. 2005. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*. Tradução da edição original espanhola e apresentação de Beatriz Marocco. São Leopoldo, Editora UNISINOS, 122 p., ISBN 85-7431-261-4.

Parece que não precisamos discutir que a Filosofia esteja em alta. Não sei bem como enxergar este possível sinal dos tempos. Mas, quando até em um dos programas midiáticos de maior ibope no Brasil, no privilegiado horário das noites de domingo, quando se imagina que a família, que há algumas gerações rezava unida, agora assiste à televisão, há um segmento para a Filosofia, isso não deixa de merecer atenção.

E, dentre os filósofos, aquele que foi seguramente mais revisitado nesta aurora trimilenar seguramente é Friedrich Nietzsche. Aqui, poderíamos destacar que essa quase ressurreição nietzscheana ocorre em pelo menos duas esferas: na academia e fora dela. Quanto ao primeiro dos nichos, poder-se-ia amearhar uma vasta produção acerca de Nietzsche representada por estudos (livros e artigos), seminários e até congressos. Disciplinas com os textos do filósofo do niilismo não estão apenas presentes nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia, mas em um número significativo de cursos de outras áreas como Direito, Psicologia, Educação. A sua contribuição para o ensino de Ciências foi mostrada em pelo menos um texto¹.

Para ilustrar o prestígio de Nietzsche fora da Academia, ou melhor, de maneira não acadêmica, poder-se-ia destacar a presença de seus aforismos ou sua caricatura,

onde é destaque um bigode que se faz ícone do filósofo, estampados em camisetas, agendas, canecos e outros artigos de consumo, especialmente de jovens. Um melhor indicador de sua neopopularidade poderia ser o sucesso de livro de ficção (Yalom, 2004)² onde ele é o personagem central, que esteve, quando do lançamento, por semanas entre os livros mais vendidos no Brasil e no exterior. Agora outro³ livro do mesmo autor (Yalom, 2005), onde o filósofo aparece mais lateralmente, também repete o feito.

Mas o destaque que se dá, aqui e agora, é ao aparecimento de mais uma biografia de Nietzsche. Essa resenha, com recomendação entusiasmada da leitura do livro epigrafado, não é feita por simples adesão ao modismo, que aliás me encanta. A biografia escrita por Miguel Morey é um texto de leitura muito agradável. O autor, que, como ficamos sabendo na apresentação de Beatriz Marocco - que produziu uma bem cuidada tradução do livro -, é um reconhecido pensador foucaultiano, professor catedrático da Universidade de Barcelona e autor premiado de vários livros. Ele está entre os filósofos contemporâneos que se dedicam a pensar o profundo niilismo presente nas obras de filósofos como Nietzsche.

Nesta biografia escrita em 1990, Morey, segundo a tradutora,

¹ No meu livro *Educação conSciência* (Chassot, 2003), no capítulo 8, Procura de novas leituras para o ensino de Ciência (p. 135-160), mostro com alguns textos de Nietzsche, usualmente menos acessíveis e razoavelmente desconhecidos, outra possibilidade para a alfabetização científica.

² Permito-me referir que neste livro aprendi mais sobre psicanálise - o autor é professor de Psiquiatria na Universidade de Stanford - do que se fosse ler uma obra acadêmica sobre o assunto.

³ Adito ao que referi na nota anterior que mesmo tratando-se de uma obra de ficção, foi neste livro que fiz a minha iniciação no filósofo [Schopenhauer] que tanto influenciou a obra de Nietzsche.

volta a afinar filosofia e literatura e vem acrescentar, ao que já havia feito nessas duas vertentes de sua produção, a possibilidade de enriquecê-las com um trabalho de reconstituição histórica do passado por meio de fragmentos reveladores da obra, das relações epistolares paralelas que Nietzsche manteve com os amigos, com a irmã e a mãe, com Wagner, iluminando por meio desses movimentos a voz do filho do pastor e a sua agoniada busca pela grande saúde, na sua vida de viajante incansável, na sua errância como figura proeminente entre uma polifonia de vozes e entre as muitas sombras, as sombras do nazismo, por exemplo, que ainda agora insistem em acompanhar a sua memória.

Existem muitas biografias de Nietzsche. A primeira é, provavelmente, aquela que foi escrita por um dos grandes amores na vida de Friedrich, que o fez pensar em casamento, causando problemas com as mulheres de sua família (mãe, irmã e tias), a bela e brilhante aluna Lou Salomé, uma jovem judia russa, que posteriormente seria discípula de Freud. Lou Salomé, personagem central do livro referido na nota 2, incendiou simultaneamente o coração de Nietzsche e de um grande amigo seu, o psicólogo Paul Réé, que se tornam inimigos, mesmo que Lou deixasse os dois para se casar com o Dr. Andreas. É Lou Andréas-Salomé que publica em Viena, em 1894, portanto antes da morte de seu filósofo preferido, *Nietzsche in seinen Werken*⁴.

Miguel Morey afirma que

sobre Nietzsche, sabemos muitas coisas, coisas demais, talvez. E o que sabemos deve-se tanto à abundância do que foi dito sobre ele como ao que o próprio Nietzsche falou de si mesmo que nem sempre tenha dito somente a verdade. E podem ser coisas demasiadas, em certo sentido, porque ameaçam impedir-nos de abraçar com uma só mirada o enigma que nos desafia. Talvez, por isso que o autor ao anunciar sua obra afirme: As próximas páginas não pretendem ser um estudo crítico da obra de Nietzsche - não pretendem ser nem sequer em sentido estrito, uma indagação biográfica. Pretendem tão-somente apontar por meio de uma coleção de estampas os dados mais elementares desse enigma do final do século XIX e que hoje reconhecemos sob o nome de Friedrich Nietzsche.

Concordo com Morey, até porque não é em um pouco mais de uma centena de páginas que se pode ter uma biografia de tão avantajado filósofo, pois, como foi dito, acerca dele podemos conhecer em abundância⁵.

Mas nessa coleção de estampas de que fala o autor, talvez possamos identificar uma em cada um dos cinco capítulos. Cada uma destas nos mostra um Nietzsche que emerge cronologicamente, num contexto loco-temporal, às vezes, muito nítido, outras, esfumado em meio a brumas determinadas por sabermos apenas meias-verdades. No sentido de instigar a leitura do livro, trago um borrão de cada uma destas cinco estampas, em que se segmentam 46 dos 56 anos da curta, mas profícua vida do filósofo. O autor faz silêncio dos dez últimos anos, quando Nietzsche já sucumbia às suas crônicas doenças. Os nomes das estampas são aqueles dos capítulos em que Morey divide o livro, seguidos da indicação do período que cobrem.

A primeira, “O filho do pastor” (1844-1868), começa com o nascimento de Friedrich Wilhelm no dia do aniversário do imperador (e não, como está no texto, do rei), o que não só lhe determina receber o nome imperial, como também a alegria de festejar seu aniversário sempre nas festas de aniversário do soberano. O pai é pastor luterano e, como a mãe, filho de pastor. Essa genealogia marca a infância austera. Quando tinha dois anos, nasce a irmã Elisabeth, que será decisiva na vida do filósofo; aos cinco, nasce um irmão que morre dois anos depois, traumatizando Friedrich, pois tivera um sonho com esta morte e assume culpas. Perde o pai, vítima de um acidente, quando tinha cinco anos e passa viver em um mundo exclusivamente feminino (mãe, irmã, governanta, avó e duas tias). Nesta estampa vemos que, depois da rígida educação luterana no matriarcado doméstico, esta é continuada na célebre escola de Pforta, fundada por monges cistercienses no século 12 e que no nazismo se converte em uma Kadetteschule, permanente centro de formação das elites da Alemanha. Nela, imerso no estilo monástico frugal que remonta às origens da escola, Friedrich estuda, escreve poemas, compõe música, medita... Ainda nesse primeiro capítulo conhecemos acerca dos estudos de Nietzsche em Bonn, depois em Leipzig, até estar maduro para o encontro com Richard Wagner. Já nessa primeira estampa conhecemos um menino que, aos 12 anos, apresenta fortes dores de cabeça e dores nos olhos. A presença da dor física em Nietzsche será permanente em cada um dos quadros que virão.

No segundo capítulo conhecemos “O discípulo de Dionísio” (1869-1877) quando Morey nos apresenta um Nietzsche que, depois da sisudez dos tempos em famí-

⁴ Parece não existir versão desta obra para o português. Há uma edição em castelhano (Andreas-Salomé, 2005).

⁵ Por exemplo, a edição considerada canônica da obra de Nietzsche é uma obra em 15 volumes editada por Colli e Montinari e publicada pela Gruyter (Berlín e Nova York) em 1967-77. Na Alemanha, foi publicada em 2002 uma edição crítica em três volumes e um CD-ROM, onde se mostram manuscritos do filósofo, com suas anotações e retificações – no mesmo formato dos cadernos usados por Nietzsche – e se os comparam com textos que sua irmã adulterara para favorecer ao nazismo. Há destaque nesta obra para textos inéditos.

lia e da austeridade em Pforta, vive momentos dionisíacos⁶. Talvez, a marca mais significativa é vermos um jovem com 24 anos, sem o título de doutor, ser nomeado catedrático extraordinário de Língua e Literatura grega na Universidade de Basiléia. Recebe posteriormente o grau de doutor da Universidade de Leipzig, sem necessidade de prestar exame, pois os trabalhos que publicara foram considerados com méritos suficientes. É nesse período que a filologia o perde para a filosofia. Há dois nomes que passam a ter influências decisivas na vida de Nietzsche: Schopenhauer e Wagner. Um e outro, de maneira muito significativa e diferentemente, determinam o resto de sua vida intelectual. O primeiro define novos campos de estudos, e o segundo ratifica um continuado interesse pela música, há muito presente nos seus interesses. É a partir de então que Nietzsche se faz filósofo. Porém, não se torna apenas um decidido intérprete e expositor das idéias schopenhauerianas, mas concebe seus próprios conceitos, com atitudes voluntaristas, que marcam a sua obra. Nesse período há mais uma guerra franco-prussiana, e Nietzsche, que tinha renunciado à sua cidadania alemã para ser professor na Suíça, volta à Prússia e se faz soldado e vai como enfermeiro aos campos de batalha. Suas ações duram pouco, pois logo cai doente e deve voltar das zonas de combate. A carreira de Nietzsche como professor, com um início brilhante, é muito efêmera, não atingindo 10 anos, pois, por razões de saúde, já aos 34 anos é aposentado.

Na terceira estampa, “Cantor, cavalheiro e espírito livre” (1878-1882), somos apresentados a um Nietzsche que teve que abandonar definitivamente a cátedra e viver de uma pequena pensão em diferentes lugares, geralmente regiões balneárias, perseguindo a cura. Todavia, é nos anos seguintes à aposentadoria, especialmente nos períodos em que as fortes dores amenizavam, que se dedicou a escrever, tendo sido muito produtivo. Há quem credite à sua doença a excepcionalidade de sua obra. Fala-se de *um despertar de sua embriagada e romântica peregrinação pelo mundo da fantasia e de sua conseqüente aversão recessa contra toda nebulosidade entusiasta e ódio contra todo o romântico*. Mesmo sendo uma fase de grande produtividade, os livros não lhe dão um retorno financeiro desejado, pois usualmente a crítica lhes é inteiramente desfavorável.

Na quarta estampa, Morey dá destaque a “O profeta” (1882-1885) através de uma das obras ícones de Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*, que parece ser a obra mais significativa de seu anticristianismo, apresenta um subtítulo pelo menos pleno de interrogantes: *Um livro para todos e para ninguém*. É Nietzsche que em outro de seus livros [*Ecce Homo*] fala deste texto:

Esse livro cuja voz triunfa e triunfará milhares de anos, não é só o livro mais elevado que existe, o verdadeiro livro das alturas – o conjunto de feitos que constituem “o homem” está abaixo dele, a uma distância enorme –, senão é também o livro mais profundo, nascido da mais secreta abundância da Verdade, poço inesgotável, ao qual não desce nenhum balde que não suba transbordante de ouro e de bondade.

Sobre tão polêmico livro surge logo uma pergunta: quem é Zaratustra? É um profeta ou um antiprofeta ou anticristo? Ou é o próprio Nietzsche? Zaratustra é um dançarino dionísico que, ao completar 30 anos,

abandonou sua pátria e os lagos de sua pátria e se retirou para a montanha. Aí podia gozar de seu espírito e de sua solidão e assim viveu durante 10 anos, sem fatigar-se. Não obstante seu coração experimentou uma mudança e certa manhã, na qual se levantou com a aurora, encarou o Sol⁷

e começou a descer a montanha para iniciar sua pregação. A narrativa prossegue numa imitação ou inversão dos Evangelhos cristãos onde Zaratustra começa a sua pregação para buscar a conversão de homens e de super-homens.

Na última estampa, “Todos os nomes da história” (1886-1890), temos um ocaso paradoxalmente produtivo - muitas obras são lançadas - e doloroso, com o agravamento das diferentes enfermidades. Já a partir de 1883, Nietzsche tem desavenças familiares devido à adesão de Elizabeth ao anti-semitismo, de quem recebe cartas racistas quando buscava recuperar a saúde em uma estação de repouso. O rompimento com a irmã se dá quando esta se casa com o anti-semita Förster no ano seguinte. A produção filosófica cessa em torno de 1889, quando a doença se agrava, e ele sofre dores de cabeça muito fortes. Houve o diagnóstico de uma paralisia cerebral progressiva, com ataques de esquizofrenia, passando Nietzsche, a seguir, por diversas clínicas. Ele nos fala, em *Ecce Homo*, de sua doença e de como aproveitava certos momentos para escrever:

⁶ Dionisíaco: relativo a Dionísio [é o deus Baco, para os romanos], o deus grego dos ciclos vitais, da alegria e do vinho. Refere-se também à natureza semelhante à de Dioniso ou Baco, agitada, arrebatada, desinibida: báquico. Dizer-se, por exemplo, uma festa dionisíaca ou báquica pode significar uma festa onde se come e bebe em abundância ou até uma festa com borracheira.

Em meio às torturas de pertinazes cefalalgias, acompanhadas de trabalhosos vômitos possuía uma luminosa lucidez de verdadeiro dialético, raciocinava com grande frieza nas coisas que – seria melhor minha saúde – me houvessem falado desprovidas de refinamento e de frialdade, sem a indispensável audácia de um escalador de montanhas. [...] Sem padecer do estômago, sofro, por causa de meu esgotamento quase geral, sofro de freqüentes debilidades gastrálgicas. [...] Minha dor constantes nos olhos, que algumas vezes está a ponto de levar-me à cegueira, não é mais que um efeito e não uma causa, posto que a um aumento de minha força vital respondia sempre outro de minhas faculdades visuais.

Os últimos anos de Nietzsche são com a família, sob os cuidados da mãe, de Alwina, a governanta que cuidou de Nietzsche durante toda sua vida, e da irmã Elizabeth, com quem afortunadamente estava reconciliado. Morre em Weimar em 25 de agosto de 1900.

Mesmo que *Friedrich Nietzsche: uma biografia* seja mais uma biografia que se soma às muitas já escritas

acerca de um dos mais geniais filósofos do mundo ocidental, tem, além de tudo que se disse acima e uma produção muito esmerada da Editora UNISINOS, com uma capa que, na falta de um melhor adjetivo, classifico como simpática, uma apresentação e diagramação realmente de bom gosto. Esses detalhes materiais de um artefato cultural contam muito, e essa é mais uma razão para recomendar entusiasmado este livro aqui na *Educação UNISINOS*.

Referências

- ANDREAS-SALOMÉ, L. 2005. *Friedrich Nietzsche en sus obras*. Barcelona, Minúscula, 331 p.
- CHASSOT, A. 2003. *Educação conSciência*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 244 p.
- YALOM, D.I. 2004. *Quando Nietzsche chorou*. 9ª ed., Rio de Janeiro, Ediouro, 409 p.
- YALOM, D.I. 2005. *A cura de Schopenhauer*. 2ª impressão, Rio de Janeiro, Ediouro, 334 p.

Attico Chassot
UNISINOS